

linguística Cam
stica Camin'
m Lingüíst
Cam
m Ling
ingüis

linguística Cam
stica Camin'
m Lingüíst
Cam
m Ling
ingüis

Maria da Penha Pereira Lins
Lilian Coutinho Yacovenco
ORGANIZADORAS

CAMINHOS EM LINGÜÍSTICA

Textos de:

Andréia Antolini GRIJÓ, Antônio Augusto Moreira de FARIA, Aurélia Leal Lima LYRIO, Beatriz Quirino ARRUDA, Carlos Alexandre GONÇALVES, Carolina Ribeiro SERRA, Cirineu Cecote STEIN, Claudia Castellanos PFEIFFER, Cláudio Manoel de Carvalho CORREIA, Edna Parra CÂNDIDO, Elisete Maria de Carvalho MESQUITA, Éster Abreu Vieira de OLIVEIRA, Everaldo MAZIEIRA, Fábio Bonfim DUARTE, Gabrieli Pereira BEZERRA, Helena Alpino RODRIGUES, Hilda de Oliveira OLÍMPIO, Izimar DALBONI, Josiana Brambati SANT'ANA, Leila Maria TESCH, Leonor Werneck dos SANTOS, Letícia Nassar Matos MESQUITA, Lia Santos de Oliveira MARTINS, Lilian Coutinho YACOVENCO, Lillian DEPAULA, Maria Cândida Trindade Costa de SEABRA, Maria da Conceição de PAIVA, Maria da Penha Pereira LINS, Maria de Nazaré Sena e GUIMARÃES, Maria Elizabeth Sá Cunha PINHEIRO, Maria José COSTA, Maria Mirtis CASER, Maria Teresa Tedesco Vilardo ABREU, Micheline Mattedi Tomazi TARDIN, Patrícia Botelho SANTOS, Paulo de Tarso Rezende AYUB, Regina Maura de Oliveira BABILON, Rosângela Nunes LOUREIRO, Samanta Naidhig de SOUZA, Sigrid GAVAZZI, Silvia Cristina de OLIVEIRA, Valdeciliana da Silva Ramos ANDRADE, Terezinha Maria Gobbi ZEN, Valéria Cristina Barbosa GABRIEL, Viviane de Amorim FERNANDES, Virgínia Beatriz Baesse ABRAHÃO, Wânia Terezinha LANDEIRA, Wemerson Rosa TORRES.

Maria da Penha Pereira Lins
Lilian Coutinho Yacovenco
ORGANIZADORAS

CAMINHOS EM LINGÜÍSTICA

NUPLES / DLL / UFES

**Núcleo de Pesquisa em Lingüística do Espírito Santo
Departamento de Línguas e Letras
Universidade Federal do Espírito Santo**

Vitória
2002

Editora:

NUPLES – Núcleo de Pesquisas Lingüísticas – ES
Direitos para esta edição
Departamento de Línguas e Letras
Centro de Ciências Humanas e Naturais - UFES
Av. Fernando Ferrari, s/nº - Goiabeiras 29060-900 - Vitória – ES
Telefax: (27) 3335-2805

Editoração Eletrônica:

Douglas Magalhães
Rosângela Nunes Loureiro

Revisão:

Os artigos que compõem este livro são de inteira
responsabilidade dos seus respectivos autores.

Capa:

Douglas Magalhães

Catálogo:

Ana Maria de Matos - CRB: 12/ES 425

C 183 Caminhos em Lingüística / Maria da Penha Pereira
Lins; Lilian Coutinho Yacovenço, organizadoras. —
Vitória : NUPLES / DLL / UFES, 2002.
493 p. ; 21 cm.

ISBN 85-87106-50-3

1. Sociolingüística. 2. Análise do discurso. 3. Língua
portuguesa — Estudo e ensino. 4. Estudo e ensino de línguas.
I. Lins, Maria da Penha Pereira (org.). II. Yacovenço, Lilian
Coutinho (org.).

CDD: 401.41

CDU: 81.27

Copyright ©, 2002 by Nuples

Todos os direitos reservados. A reprodução de qualquer parte desta obra, por qualquer meio, sem
autorização da editora, constitui violação da LDA 9610/98.

SUMÁRIO

I – QUESTÕES DE SOCIOLINGÜÍSTICA E DE FUNCIONALISMO

A ordem não-marcada dos circunstanciais locativos	16
<i>(Maria da Conceição de Paiva)</i>	
O uso da forma <i>onde</i> e sua trajetória de mudança	35
<i>(Micheline Mattedi Tomazi Tardin)</i>	
Da oralidade à escrita: um estudo do elemento coesivo <i>aí</i> em narrativas	48
<i>(Patrícia Botelho Santos / Gabrieli Pereira Bezerra)</i>	
A posição do adjetivo no sintagma nominal: anteposição/posposição em anúncios do séc. XIX	62
<i>(Carolina Ribeiro Serra)</i>	
A oralidade e o ensino de português: contribuições da gíria	73
<i>(Maria Cândida Trintade Costa de Seabra / Maria de Nazaré Sena e Guimarães)</i>	
Funcionalidade da metáfora: uma análise prática	82
<i>(Beatriz Quirino Arruda)</i>	
O português de Portugal e o português do Brasil: uma análise lingüística na tipologia textual jornalística	90
<i>(Regina Maura de Oliveira Babilon)</i>	
O projeto "O português falado na cidade de Vitória": coleta de dados	102
<i>(Lilian Coutinho Yacovenço)</i>	
Pesquisa sociolingüística: variáveis para uma coleta de dados estratificada	113
<i>(Josiana Brambati Sant'Ana / Terezinha Maria Gobbi Zen)</i>	
A importância de um banco de dados controlado: montagem de uma amostra estratificada	122
<i>(Helena Alpino Rodrigues / Viviane de Amorim Fernandes)</i>	
A estrutura das entrevistas em uma pesquisa sociolingüística	131
<i>(Rosângela Nunes Loureiro / Wemerson Rosa Torres)</i>	
Verificação dos hábitos de fala de uma comunidade lingüística	141
<i>(Everaldo Mazieira / Leila Maria Tesch)</i>	

II – ESTUDO EM ANÁLISE DO DISCURSO

Marcas de polidez na mídia: construindo identidades	151
<i>(Sigrid Gavazzi / Izimar Dalboni)</i>	
À guisa de etnografia da fala: análise de um sermão da pastora Valnice Milhomens	160
<i>(Maria da Penha Pereira Lins)</i>	
O caráter identitário dos chistes – a piada como modalidade particular de representação social	182
<i>(Edna Parra Cândido)</i>	
Vieissitudes lingüísticas – instrumentos a serviço da sedução publicitária	194
<i>(Lia Santos de Oliveira Martins)</i>	
Cartas de pedido de informação técnica: análise das relações interdiscursivas entre universidade e sociedade	206
<i>(Wânia Terezinha Landeira)</i>	
A perspectiva da produção de sentido	218
<i>(Virginia Beatriz Basse Abrahão)</i>	
O discurso da crítica de cinema	232
<i>(Maria Elizabeth Sá Cunha Pinheiro)</i>	
A leitora do suplemento feminino	254
<i>(Letícia Nassar Matos Mesquita)</i>	
Modalização discursiva – ampliando a dimensão	270
<i>(Paulo de Tarso Rezende Ayub)</i>	
A visibilidade do tradutor medieval: um procedimento	284
<i>(Lilian DePaula)</i>	
Cidade e sujeito escolarizado	294
<i>(Cláudia Castellanos Pfeiffer)</i>	
Sobre interdiscurso e intradiscurso	304
<i>(Antônio Augusto Moreira de Faria)</i>	
Discurso pedagógico: considerações sobre sua complexidade	313
<i>(Maria José Costa)</i>	
Pequena análise da fala de professores	319
<i>(Valéria Cristina Barbosa Gabriel)</i>	

Preconceito /discriminação /racismo: uma análise léxico-modal ... 326
(*Silvia Cristina de Oliveira*)

Estudos fenomenológicos sobre a dinâmica da construção dos
significados: das percepções à apreensão da experiência 337
(*Cláudio Manoel de Carvalho Correia*)

III – PROPOSTAS DE ANÁLISE: CAMINHOS PARA UM ENSINO FUNCIONAL DA GRAMÁTICA

Os conectores porque, pois e já que (argumentação e polifonia) ... 351
(*Hilda de Oliveira Olímpio*)

A estrutura interna dos predicados – sob a perspectiva da teoria de
valências 361
(*Valdeciliana da Silva Ramos Andrade*)

Negação frásica na língua Tembé e movimento do verbo 374
(*Fábio Bonfim Duarte*)

Sentido de oposição: diferenças semânticas expressas por anti- e contra-
..... 382
(*Samanta Naidhig de Souza*)

Até que ponto a flexão é relevante sintaticamente? 390
(*Carlos Alexandre Gonçalves*)

O tratamento das conjunções coordenativas da língua portuguesa
sob um ponto de vista funcional 400
(*Elisete Maria de Carvalho Mesquita*)

A coesão referencial e a progressão temática em textos argumentativos
..... 411
(*Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu*)

Leitura, articulação textual e pontuação – relação com o ensino ... 419
(*Leonor Werneck dos Santos*)

Primeiras concepções para uma teoria da recepção 430
(*Cirineu Cecote Stein*)

IV – REFLEXÕES SOBRE ENSINO DE LINGUA

Repensando o ensino de língua estrangeira 445
(*Amélia Leal Lima Lyrio*)

O Ensino das línguas estrangeiras: caminhos e propostas 470
(*Esther Abreu Vieira de Oliveira*)

A bivalência e a abordagem integrada da língua materna e das línguas
estrangeiras 475
(*Maria Elisabeth Sá Cunha Pinheiro*)

Entre a lingüística e o mercado: o ensino do espanhol língua estrangeira
..... 482
(*Maria Mirtis Caser*)

A formação do professor de linguagem 489
(*Andréia Antolini Grijó*)

ESTUDOS FENOMENOLÓGICOS SOBRE A DINÂMICA DA CONSTRUÇÃO DOS SIGNIFICADOS: DAS PERCEPÇÕES À APREENSÃO DA EXPERIÊNCIA

Claudio Manoel de Carvalho Correia

1. INTRODUÇÃO

Charles Sanders Peirce, filósofo-lógico-matemático norte-americano postulou, no decorrer de seu percurso científico e filosófico, que a Fenomenologia constitui a base de todo o seu pensamento. Para Peirce, o objetivo primordial de um trabalho fenomenológico era a criação da doutrina das categorias, uma observação profunda de todas as experiências possíveis.

A Fenomenologia, nesse sentido, emerge como fundamentação epistemológica para as ciências humanas, na medida em que observa o fenômeno, ou *phaneron* (nos termos de Peirce) e investiga as formas ou propriedades universais inerentes aos fenômenos observados. Da observação dos fenômenos, emergem as categorias universais da experiência e do pensamento.

Esse trabalho tem como objetivo um estudo fenomenológico do desenvolvimento cognitivo de um informante selecionado, e a análise das propriedades universais que emergem das observações das descrições orais do informante em diversas faixas etárias. Pelo viés das categorias fenomenológicas serão analisadas as interpretações, buscando a observação da predominância das categorias fenomenológicas em faixas etárias distintas, visando à análise do desenvolvimento cognitivo e fenomenológico.

2. AS CATEGORIAS FENOMENOLÓGICAS

Devemos, de início, observar que a preocupação fenomenológica no pensamento de Charles Sanders Peirce constituiu-se na fundamentação básica de todo o seu pensamento filosófico como um todo. Para Peirce, o primeiro momento de análise e observação em um trabalho filosófico é a fenomenologia, grosso modo, a ciência que busca a observação atenta de qualquer fenômeno. A fenomenologia⁸⁴, enquanto ciência, proporciona a análise dos processos de percepção e das formas e fontes pelas quais o conhecimento é apreendido.

A fenomenologia, no pensamento filosófico de Peirce, começa sob a base da própria experiência, ou seja, segundo Santaella (1983, p.32) "*a partir da experiência ela mesma, livre de pressupostos*". Nesse sentido, fenômeno é, para Peirce, tudo aquilo que aparece à mente, correspondente a algo real ou não. A ênfase no fenômeno é dada em sua interação com a mente receptora, ou seja, no processo de apreensão.

Ao considerar como experiência tudo o que se apresenta a nós, ou seja, os fenômenos (ou na acepção de Peirce, os *phanerons*), a experiência que se apresenta aberta ao nosso reconhecimento num processo radicalmente dialético entre a mente interpretadora e o fenômeno apreendido, Peirce, em sua teorização, "*conclui que tudo que aparece à consciência, assim o faz numa gradação de três propriedades que correspondem aos três elementos formais de toda e qualquer experiência*" (Cf. Santaella 1983, p.35) as categorias da *Primeiridade*, *Secundidade* e *Terceiridade*.

A categoria da *Primeiridade* é constituída como a

⁸⁴ Para observarmos a importância dos conceitos fenomenológicos em todo o pensamento de Peirce, basta observarmos toda a sua Teoria do Signo enquanto uma teoria postulada em investigações radicalmente lógicas, onde as bases estão nas Categorias Fenomenológicas.

presentidade. A consciência em estado de primeiridade é, sobretudo, uma qualidade de sensação e, devido a sua característica essencialmente qualitativa, é a primeira categoria fenomenológica. É definida como uma primeira apreensão das coisas que a nós se apresentam. Como definiu Santaella (1983, p.46): "*já é tradução, finíssima película de mediação entre nós e os fenômenos*".

Como definiu Peirce (1980, p.18) em sua *Conferência II sobre Pragmatismo*: "*Quando algo se apresenta ao espírito, qual é a primeira característica que se nota (...)? A sua presentidade, certamente*".

Na categoria da *Secundidade* encontramos um mundo caracterizado pela ação e reação. No dizer de Santaella (1983, p.47): "*um mundo sensual, independente do pensamento e, no entanto, pensável, que se caracteriza pela secundidade*". Onde houver um fenômeno, ou seja, um *phaneron*, existirá uma qualidade, sua primeiridade. Porém, Santaella (1983, p.47) nos chama a atenção para um fator primordial da definição do conceito fenomenológico da secundidade, que deve ser observado:

"(...) onde quer que haja um fenômeno, há uma qualidade, isto é, sua primeiridade. Mas a qualidade é apenas uma parte desse fenômeno, visto que, para existir, a qualidade tem de estar encarnada numa matéria. A factualidade do existir (secundidade) está nessa corporificação material."

A *Secundidade* ou *Conflito* é aquilo que dá à experiência seu caráter de ação e reação, de confronto. Porém, como observa Santaella (1983, p.51): "*ação e reação ainda em nível de binariedade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade, razão ou lei*".

A terceira categoria, essencial para os estudos dos fenômenos de interpretação e representação e, sobretudo, para os estudos cognitivos, é a categoria fenomenológica

da *Terceiridade*, isto é, a categoria que corresponde à racionalização, à interpretação, ao pensamento. É a categoria subjacente ao processo através da qual representamos e interpretamos o mundo (Cf. Santaella 1983, p.51).

Encontramos, dessa forma, na fenomenologia de Peirce, a construção de uma teoria que nos possibilita observar os fenômenos de forma sistemática e fundamentalmente coerente. Todo o esforço de Peirce foi à construção de um quadro de noções elementares que, como observou Silveira (1997, p.88):

“permitisse uma primeira representação de todo o universo da experiência e que substituísse com maior poder de generalização as categorias originadas na obra aristotélica, Peirce funda sob o nome de Fenomenologia, Faneroscopia ou Idioscopia, uma ciência que a partir da observação atenta de toda e qualquer experiência, fornecesse noções capazes de descrevê-las e ordená-las.”

3. FENOMENOLOGIA PEIRCEANA APLICADA AOS PROCESSOS DE INTERPRETAÇÃO

Em seu desenvolvimento da infância à maturidade, o homem adquire habilidades para a apreender e descrever a experiência que o cerca, ou seja, os elementos presentes no mundo a sua volta. Nesse trabalho, analisaremos, sob os fundamentos teóricos e metodológicos propostos por Gorlée (1987) em seu artigo *“Firstness, Secondness, Thirdness, and Cha(u)cinness”*, o processo gradativo de apreensão da experiência e construção do conhecimento que espelha as categorias da *Primeiridade*, *Secundidade* e *Terceiridade*.

A *Primeiridade Icônica*, *Secundidade Indexical*, e *Terceiridade Simbólica*⁸⁵ serão usadas nesse trabalho como

⁸⁵ Essa terminologia é usada por Gorlée para descrever as formas de experimentação do mundo, e estágios de aprendizado do protagonista da novela de Jerzy Kosinski (1971), *“Being There”*.

fundamentos teóricos para a descrição dos estágios de desenvolvimento cognitivo e das formas como no corpus selecionado o indivíduo experimenta o mundo. O uso das categorias sobre os exemplos ilustrará os diferentes modelos experienciais e as estratégias de desenvolvimento das interpretações.

O corpus selecionado pertence ao projeto *“Estudo de Estruturas Sintáticas na Linguagem do Deficiente Auditivo”* (Fernandes, CNPq, 1985). A pesquisa se baseou na análise e observação do material lingüístico coletado através de levantamento de dados em pesquisa de campo realizada com informantes do sexo masculino e feminino, com a faixa etária variando entre 2 e 10 anos de idade, oriundos de classes sociais média e baixas. Os informantes foram submetidos, no decorrer da pesquisa, no período de 6 em 6 meses, a uma bateria de testes composta por recursos motivadores específicos: quadros (gravuras), seqüências (pequenas histórias) e dramatizações (filmagens em videocassete). Todos esses instrumentos de teste foram idealizados pela Profa Dr^a Eulália Fernandes, seguindo as diretrizes propostas em seu projeto.

Neste trabalho será utilizada apenas uma parte da bateria de testes, ou seja, a que se refere ao estudo de seqüências lógicas apresentadas aos informantes entrevistados. Utilizaremos para o estudo das estratégias de construção das interpretações, a seqüência de número um da bateria de testes⁸⁶. As entrevistas foram selecionadas mediante a continuidade do informante na pesquisa, apresentando descrições em diversas faixas etárias, possibilitando uma visão das diversas etapas de representação nas várias idades

⁸⁶ A seqüência de número um apresenta três quadros que descrevem as ações dos personagens na seguinte forma: 1º quadro – O menino dirige-se de bicicleta para subir uma rampa sendo observado por outras crianças; 2º quadro – o menino salta de bicicleta da rampa; 3º quadro – o menino está caído com a bicicleta totalmente destruída, enquanto é observado por outras crianças.

observadas. Foi selecionado para essa pesquisa um informante do projeto descrito acima, do sexo feminino, e de classe social baixa. O corpus foi constituído com um total de sete entrevistas de um único informante. Cada entrevista descreve as interpretações referentes a cada faixa etária sobre a sequência de número um da bateria de testes, que serão analisadas sob os pressupostos teóricos que foram descritos.

Aos 2,0 anos de idade, selecionamos o seguinte exemplo: (1) I. “*É bicicleta. (aponta a bicicleta)*”.

O informante apresenta em sua descrição apenas um elemento da sequência de quadros (a figura), não apresentando formulação da sequência na ordem lógica, e não reconhecendo os quadros da sequência lógica.

Nessa faixa etária, o informante apresenta apenas a descrição da figura “*bicicleta*” (Cf. exemplo 1). Assim, observamos um exemplo de Primeiridade Icônica, onde o signo está representado pela sua relação qualitativa e de similaridade com o objeto representado.

Na faixa etária de 2,5 anos, os seguintes exemplos foram selecionados do corpus: (2) “I. *Aqui? Cebolinha.*”; (3) “I. *Cebolinha!*”; (4) “I. *E a Mônica.*” (5) “I. *Tão fazendo andar de bicicleta*”.

Nessa faixa etária, o informante não descreve a sequência na ordem lógica. Os elementos da sequência de quadros, objetos e personagens, não são claramente descritos pelo informante. O foco de observação está direcionado ao personagem central e a ação desenvolvida pelo personagem.

Na segunda faixa etária, podemos depreender do corpus analisado exemplos de Secundidade Indexical. A Primeiridade é a categoria da mônada, independente de relações com o passado, por outro lado, na Secundidade, necessitamos da referência ao passado, elemento que direciona a representação para os elementos concretos da experiência.

Podemos destacar dos exemplos selecionados nessa

faixa etária: “*Cebolinha!*” e “*E a Mônica*”. Para que o informante gere um significado como o descrito acima, ele necessita relacionar o objeto (personagem da sequência de quadros) com algo aprendido no passado. Não encontramos nesse exemplo a relação diretamente qualitativa e de semelhança como no exemplo da faixa etária anterior. Nesse estágio, o informante relaciona no processo de interpretação experiências passadas e aprendidas. Seu conhecimento prévio sobre os personagens Cebolinha e Mônica, fazem com que o informante contraste e confronte na geração do significado o objeto em processo de interpretação, com seus conhecimentos anteriores de mundo. Assim, encontramos nessa faixa etária exemplos de Secundidade Indexical.

Aos 3,0 anos, foram selecionados os seguintes exemplos: (6) I. “*É um menino que tá andando de bicicleta*”; (7) I. “*E a bicicleta dele está caindo*”.

O informante descreve apenas o personagem central e a ação do personagem. Não há nesta faixa etária reconhecimento dos outros personagens e de outros objetos que fazem parte da sequência de quadros. O informante não descreve a sequência na ordem lógica.

A partir do estudo da entrevista selecionada nessa faixa etária, podemos depreender exemplos de Secundidade Indexical. Enquanto a Primeiridade significa unidade, a Secundidade é a categoria da dualidade. A secundidade envolve a idéia dinâmica do outro, de experiência, de ação e reação. A Primeiridade é, sobretudo, uma potencialidade em vias de realização. Na Secundidade, encontramos o fato, algo que atualmente (e não potencialmente, como na Primeiridade) ocorre. Na entrevista podemos encontrar traços de Secundidade Indexical (Cf. exemplos 6 e 7).

Para análise da faixa etária de 3,5 anos, foram selecionados os seguintes exemplos: (8) “*O menino, o outro menino aqui, outro menino aqui, outro menino aqui, outro menino aqui*”.

menino aqui, outro menino aqui, outro menino, outro menino, um outro menino, outro menino ou... outro menino. Outro menino, outro menino"; (9) I. "*É... esse moleque aqui, não... não... não quer deixar ele passar aqui, pelo escorrego.*"

Nessa faixa etária, o informante começa a reconhecer o cenário onde há o desenvolvimento da história implícita na sequência de quadros, passando a descrever os outros personagens e objetos. Nesse estágio, o informante ainda não descreve as sequências na ordem lógica.

Nos exemplos selecionados encontramos, mesclados no discurso, elementos em nível de Primeiridade Icônica e de Secundidade Indexical. As relações de semelhança e de qualidade que denotam uma Primeiridade Icônica aparecem no exemplo 8.

Devemos observar que Peirce postulou que todo Índice necessariamente tem alguma qualidade em comum com o objeto e envolve algum tipo de Ícone. Dessa forma, fenomenologicamente mesclados, podemos perceber algum tipo de Iconicidade Indexical⁸⁷, que gera no discurso uma idéia semelhante à de um cenário (Cf. exemplo 9). Vale ressaltar, que é nessa faixa etária que o informante descreve outros personagens e objetos, e percebe o cenário da sequência de quadros.

Aos 4,0 anos, temos os seguintes exemplos selecionados: (10) "*Esse aí... é... eles tão no parque*"; (11) "*Não sei... Deixa eu ver... Tem cinco crianças. (No último quadro da sequência tem cinco crianças. I. as conta)*"; (12) I. "*E esse menino aqui caiu da bicicleta.*"

Nessa faixa etária, há a descrição do cenário e de outros personagens da sequência de quadros.

Podemos depreender, do corpus selecionado, elementos de Iconicidade Indexical, como na faixa-etária anterior.

⁸⁷ Dinda GORLÉE, *Firstness, Secondness, Thirdness, and Chau(u)ncines*, p.52.

A Primeiridade Icônica e seus elementos qualitativos se mesclam com a Secundidade Indexical e suas relações com a experiência, gerando no processo de percepção, além da descrição de cenário, a alternância entre ícones e índices no discurso (Cf. exemplos 10 e 11).

Na faixa etária de 4,5 anos, foi selecionado o seguinte exemplo: (13) I. "*(I. ri) Aqui o moço o caiu. (I. não segue a ordem correta da sequência).*"

Na faixa etária de 4,5 anos, o informante descreve o cenário, outros personagens e objetos que compõem a sequência de quadros. Nessa faixa etária o informante não descreve a sequência na ordem lógica.

Nesse estágio encontramos, também, traços de Iconicidade Indexical, como nas faixas etárias anteriores.

Para o estudo da faixa-etária de 5,5 anos, os seguintes exemplos foram selecionados:

- (14) "*Agora aqui é assim um garoto que tá andando de bicicleta, todo mundo tá...*";
- (15) "*... olhando. Todo o mundo tá olhando.*";
- (16) "*Aqui ele quase que caiu...*";
- (17) "*... de bicicleta. Aqui ele caiu da bicicleta. Todo o mundo tá olhando e tá rindo.*"

Na faixa-etária de 5,5 anos, o informante apresenta pela primeira vez a descrição da sequência de quadros na ordem lógica. Além desse elemento, podemos observar nessa faixa etária a descrição do personagem central e dos outros personagens que compõem a sequência de quadros.

Nesse estágio, podemos encontrar o primeiro traço do que será chamado aqui de Terceiridade Simbólica.

Existe um terceiro e complexo meio de apreensão do mundo dos fenômenos⁸⁸. Além da Primeiridade e da Secundidade, a Terceiridade é a categoria que apresenta

sentimentos e atividades organizados por princípios gerais. Na medida em que esses princípios provêm de explicações lógicas, toda a atividade intelectual é um Terceiro. Os pensamentos lógicos, ou atividades intelectuais, geram leis e hábitos como elementos de organização do caos no processo de apreensão do fenômeno.

Para a descrição da seqüência de quadros na ordem lógica, há a necessidade de um aprendizado prévio. A disposição dos quadros da seqüência depende de uma convenção social⁸⁹, e depende do aprendizado por parte do informante dessa convenção para ser decodificado e interpretado de forma válida. É exatamente nessa faixa etária que o informante apresenta pela primeira vez a descrição da seqüência de quadros na ordem lógica, além das descrições de cenário, personagens e objetos. Dessa forma, concluímos que o informante apresenta traços de Terceiridade Simbólica, apresentando os elementos das faixas etárias anteriores, como qualidades e factuais, organizados em um nível de racionalização dependente das leis e das convenções sociais. Todos os elementos estão organizados no discurso de forma sintética, descrevendo, na ordem lógica, a leitura da seqüência de quadros (Cf. exemplos 14, 15, 16 e 17).

4. CONCLUSÃO

Podemos concluir que substrato teórico desenvolvido por Gorrée (1987), relacionando a fenomenologia peirceana com as categorias dos signos, permite o uso de um arcabouço teórico na análise dos estágios de desenvolvimento cognitivo, demonstrando os diferentes modelos experienciais e os elementos intrínsecos aos fenômenos apreendidos.

⁸⁸ Cf. Peirce in Gorrée, 1987, p.40-41

⁸⁹ Vale ressaltar que em outras comunidades lingüísticas, a leitura de seqüências de quadros, como: revistas em quadrinhos, quadrinhos de jornais, etc... seguem a ordem do código gráfico da língua.

É através dos processos descritos em faixas etárias distintas que o informante se relaciona com a experiência que o cerca, via “qualidades” e “atividades”, e desenvolve habilidades cognitivas e lingüísticas para significar os fenômenos que são apreendidos. Da Primeiridade Icônica e seus elementos qualitativos na faixa-etária inicial, o informante apresenta em faixas etárias posteriores, a Secundidade Indexical e seus elementos da experiência. Em outras faixas etárias, encontramos a mesclagem das qualidades e experiências factuais em Iconicidades Indexicais, princípio organizador da percepção para um novo e terceiro estágio, a Terceiridade Simbólica.

As categorias fenomenológicas de Peirce podem funcionar como instrumento de análise das etapas do desenvolvimento cognitivo, e permitem a observação, por um viés fenomenológico, do desenvolvimento dos processos como os indivíduos experimentam e simbolizam o mundo.

5. REFERÊNCIAS

- FERNANDES, Eulália (1985). *Estudo de Estruturas Sintáticas na Linguagem do Deficiente Auditivo*. Rio de Janeiro: CNPq. Relatório de Pesquisa.
- GORRÉE, Dinda (1987). Firstness, Secondness, Thirdness, and Chau(u)nciness. *Semiotica*, Amsterdam, 65.
- PEIRCE, Charles Sanders (1980). Escritos Coligidos. In: *Os Pensadores*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural.
- SANTAELLA, Lucia (1983). *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense.
- SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da (1997). Subsídios para um Retrato de Charles Sanders Peirce. *O Sujeito entre a Língua e a Linguagem*, Parlató, Erika Maria; Silveira, Lauro Frederico Barbosa da (org). Editora Lovise.